



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1525>



# Narrativas, cotidiano e trabalho: um estudo sobre mulheres feirantes no Alto Sertão da Bahia (1991-2021)

Jumara Carla Azevedo Ramos Carvalho\*

ORCID iD 0000-0003-1745-6090

Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Montes Claros, Brasil

Daniel Coelho de Oliveira\*

ORCID iD 0000-0003-2565-6551

Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Montes Claros, Brasil

**Resumo:** Este artigo busca examinar as rotinas diárias e as atividades profissionais das mulheres no mercado público de Caetitê (BA) com o objetivo de compreender a maneira pela qual elas moldam sua autoimagem e identidade profissional. A pesquisa investiga os comportamentos cotidianos e a influência exercidos por essas mulheres no campo da capacidade de vendas e da presença em um ambiente de trabalho informal. Por meio dessa análise, o objetivo é ilustrar o desempenho das mulheres e seus diversos papéis como indivíduos e profissionais de marketing, uma vez que o mercado público serve como uma plataforma para a integração feminina na força de trabalho – uma arena multifacetada para o comércio, expressão artística, interações sociais, diálogos e, notavelmente, um espaço democrático rico em narrativas de memória e experiências de indivíduos que contribuíram historicamente e atualmente não apenas para a economia local, mas também para suas famílias e/ou meios de subsistência pessoais. Além disso, é dentro do ambiente do mercado que as conexões sociais são estabelecidas entre os vários participantes. Com base nessa estrutura analítica, a pesquisa foi moldada pelos relatos em primeira mão das mulheres que integram o cenário do mercado. Observando essas mulheres em ação no espaço do mercado público em Caetitê, fica evidente que elas desempenham um papel fundamental no avanço socioeconômico da região. Quando essas empreendedoras saem de suas casas, elas entram em um ambiente comunitário com responsabilidades definidas, engajando-se na luta contínua pela sobrevivência, na busca por seus direitos e na afirmação de sua independência. Carregadas de suas histórias individuais, lembranças, conhecimentos

\* Doutoranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), com orientação do Prof. Dr. Daniel Coelho de Oliveira. E-mail: jumaracarla@yahoo.com.br.

\* Doutor em Ciência Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Sociólogo. E-mail: daniel.oliveira@unimontes.br.

e empreendimentos, essas mulheres oferecem informações sobre suas existências diárias e atividades ocupacionais no mercado público.

**Palavras-chave:** mulheres feirantes; narrativas; cotidiano; trabalho.

### **Narratives, daily life and work: a study of market women in the Highlands of Bahia (1991-2021)**

**Abstract:** This article examines the daily routines and professional activities of women in the public market of Caetitê (BA), with the objective of understanding how they shape their self-image and professional identity. The research investigates the daily behaviors and the influence exerted by these women in the field of sales capacity and presence in an informal work environment. Through this analysis, the objective is to illustrate the performance of women and the diverse roles they play as individuals and marketing professionals, since the public market serves as a platform for female integration into the workforce – a multifaceted arena for trade, artistic expression, social interactions, dialogues and, notably, a democratic space rich in narratives of memory and experiences of individuals who have historically and currently contributed not only to the local economy, but also to their families and/or personal livelihoods. In addition, it is within the market environment that social connections are established between the various participants. Based on this analytical structure, the research was shaped by the first-hand accounts of the women who are an integral part of the market scenario. Observing these women in action in the public market space in Caetitê, it is evident that they play a fundamental role in the socioeconomic development of the region. When these entrepreneurs leave their homes, they enter a community environment with defined responsibilities, engaging in the ongoing struggle for survival, the pursuit of their rights and the affirmation of their independence. Laden with their individual stories, memories, knowledge and endeavors, these women offer insights into their daily lives and occupational activities in the public market.

**Keywords:** market women; narratives; daily life; work.

## **Introdução**

Esta pesquisa está atualmente em sua fase preliminar e tem como objetivo examinar as narrativas de mulheres e seu trabalho na feira de Caetitê,<sup>1</sup> cidade situada no Alto Sertão da Bahia.<sup>2</sup> O foco deste estudo é a análise das histórias de vida de

1 De acordo com Santos (2001, p. 35): “A cidade de Caetitê situa-se na vertente oriental da Serra Geral, a 830 metros acima do nível do mar, e o município divide-se entre a zona das caatingas e a dos gerais, duas regiões distintas. A ocupação da região, segundo a tradição, remonta ao século XVIII, quando colonos portugueses se fixaram no Sítio do Caitates, que se tornou lugar de pouso de viajantes, sertanistas e bandeirantes, em busca do ouro e do comércio de gado”.

2 Definido por Neves (1998, p. 22) da seguinte maneira: “geralmente definem a região de modo pouco precisa, física ou socioeconomicamente, como área que se pretende delimitar, com critérios parciais da espacialidade, que recortam a base física: região semi-árida, demarcada por fenômenos climáticos, região do sertão, caracterizada pela morfologia da vegetação, região do Alto Sertão da Bahia, referenciada na posição relativa ao curso do Rio São Francisco, na Bahia, e ao relevo baiano, que ali projeta para maiores altitudes”.

vendedoras, com a intenção de compreender como elas moldam sua autoimagem e percepção de sua ocupação. Ele investiga suas atividades diárias e a influência exercida por essas mulheres no campo das vendas em um ambiente de trabalho informal, abrangendo os anos de 1991 a 2021.

A base desta investigação está em pesquisas anteriores realizadas ao longo da jornada acadêmica, particularmente sobre o papel das mulheres na dinâmica familiar, na vida cotidiana e na autoridade na localidade de Caetité (BA). Esses estudos destacam o envolvimento duradouro de mulheres em diferentes épocas históricas, muitas vezes enraizado em relações de camaradagem, patrocínio, amizades e afiliações políticas durante períodos caracterizados por estruturas de poder político local, nos níveis regional e nacional, no início do século XX. As descobertas desses estudos revelaram alianças estratégicas e operacionais que permitiram às mulheres navegar em várias esferas de influência, mostrando adaptabilidade e proeminência em compromissos políticos que se estenderam além dos limites da domesticidade. Esses compromissos abrangiam acordos matrimoniais, responsabilidades no cuidado de crianças, questões financeiras, conexões sociais e envolvimento políticos, nos quais as mulheres assumiam funções consultivas, atuavam como intermediárias e desempenhavam papéis cruciais nos processos eleitorais, apesar das restrições legais que as impediam de ocupar cargos políticos oficiais.

Ao examinar as atividades cotidianas dessas mulheres privilegiadas, vários elementos das estruturas sociais foram identificados, não apenas em escala nacional, mas particularmente nos níveis regional e local, o que contribuiu para o avanço da pesquisa, com motivações e investigações sobre outros grupos – mulheres de baixa renda socioeconômica, vendedoras, que, por meio de seus conhecimentos e ações, passaram dos limites da vida doméstica para a participação no mercado de trabalho informal –, como mercados, espaços públicos, identificados como domínios masculinos de controle.

Todos esses esforços ampliam os caminhos para examinar as conexões trabalhistas e sociais estabelecidas no ambiente do mercado público, que se originaram de encontros pessoais como moradora da vizinhança onde o mercado está situado. Investigar escritos da publicação do jornal *A Penna*, dos relatos de historiadores, do Registro Paroquial de Santana da Sé de Caetité, relativos ao mercado público e suas funções, bem como realizar atividades de mercado aos sábados, percorrer barracas e ouvir narrativas<sup>3</sup> de

---

3 As narrativas das mulheres feirantes foram realizadas por meio de conversas informais e gravadas com a autorização das mesmas, com o objetivo de realizar um levantamento das fontes para a escrita do projeto. Foram cinco mulheres que narraram suas histórias. Elas foram escolhidas por possuírem mais de 30 anos de trabalho na feira, com atividades que variavam de acordo com os seus saberes (cozinheiras, boleiras, vendedoras de frutas, verduras e legumes). Quanto à faixa etária, elas tinham entre 60 e 86 anos. O estado civil: casadas (2), viúvas (2) e separada (1). Autodeclararam-se como: negra (1), branca (1) e parda (3). Para esta pesquisa foram utilizadas três entrevistas.

vendedoras<sup>4</sup> sobre suas ocupações e rotinas diárias no âmbito comercial da área urbana, despertou minha curiosidade e me deu a oportunidade de explorar a dinâmica histórica e social desse cenário com uma notável presença feminina na paisagem econômica da localidade.

Esses diálogos informais, conduzidos ao longo do tempo, foram significativamente valiosos para o propósito de examinar as origens e orientar a pesquisa específica, pois o envolvimento com as narrativas dessas mulheres sobre suas próprias vidas e empreendimentos profissionais leva a contemplar os desafios que enfrentaram enquanto trabalhavam no mercado: “Tem mais de 60 anos que trabalho na feira. Tinha vez que chegava 3, 4 horas da manhã”<sup>5</sup> (Carmelita Maria de Jesus Ramos, 2022); “Levava essas crianças para lá e por lá eu fazia comida e vendia. Fui criando meus filhos desse jeito. Era uma escadinha. 11 filhos, gêmeos e tudo. Um olhava o outro”<sup>6</sup> (Hildete de Carvalho Souza, 2022). A apresentação desses trechos de relatos das feirantes também serve para ilustrar a viabilidade de conduzir pesquisas centradas em temas como integração e longevidade na força de trabalho, responsabilidades na educação dos filhos, dinâmica do trabalho familiar e conexões sociais.

## Referencial teórico

Todas as atividades relatadas nas entrevistas ampliaram o leque de possibilidades de examinar e questionar o desempenho e o trabalho das mulheres no espaço público, particularmente na feira de Caetité. Por meio da análise das rotinas diárias das feirantes, vários aspectos das estruturas econômicas e sociais locais e regionais podem ser discernidos e interconectados, com foco em gênero, trabalho e autoridade. Seguindo a perspectiva dos estudos de Joan Scott (1995), que define gênero como uma categoria fundamental de análise histórica, compreende-se que as relações não são apenas reflexo de diferenças biológicas, mas de construções sociais e culturais que estruturam o poder e a divisão do trabalho. Assim, ao observar o cotidiano das mulheres feirantes, torna-se possível identificar como normas de gênero influenciam suas experiências, oportunidades e desafios dentro do mercado (feira), bem como identificar, também, as normas de autoridade que emergem nesse contexto.

Ressalta-se que as experiências diárias dessas mulheres exibem uma

---

4 A pesquisa encontra-se na fase inicial. As colaboradoras são identificadas com os seus próprios nomes, conforme autorização expressa de cada uma no momento da gravação das entrevistas. Esse consentimento foi reafirmado ao longo do processo, garantindo a ética e a transparência na divulgação de suas histórias ao longo da pesquisa. Essas primeiras entrevistas foram realizadas no ano de 2022, como cumprimento da primeira fase da pesquisa.

5 Mulher negra, mãe, viúva e com 86 anos. Continua trabalhando na feira.

6 Mulher branca, mãe, casada e com 82 anos. Não trabalha mais na feira.

característica relacional com autoridade em todas as esferas, sejam elas pessoais ou comunitárias. Consequentemente, postula-se, neste estudo, que a autoridade opera em uma rede complexa e não está restrita apenas às instituições formais, conforme elucidado por Michel Foucault:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede (Foucault, 2004, p. 193).

Ao examinar a transição das mulheres da esfera privada para a esfera pública, fica evidente que esse processo se desenrolou gradualmente ao longo de um período, particularmente ganhando força durante os movimentos sociais dos séculos XIX e XX. Esses movimentos foram fundamentais para destacar as lutas enfrentadas pelas mulheres na afirmação de seus direitos em uma sociedade caracterizada pelo sexismo e pelo patriarcado, que impôs restrições e limitações às mulheres com base em normas e estruturas sociais. As mulheres encontraram barreiras em termos de acesso a oportunidades, liberdades e direitos, muitas vezes confinadas a papéis tradicionais de gênero centrados em tarefas domésticas e responsabilidades de cuidar. Além disso, elas enfrentaram desafios relacionados à autoexpressão, representação e obtenção de posições de autoridade e influência. No entanto, vale ressaltar que as mulheres também empregaram diversas estratégias e modos de resistência para garantir avanços e conquistar novos papéis sociais.

A historiadora Mary Del Priore, em seu estudo *História das mulheres no Brasil* (1997), investiga o pano de fundo histórico da transição das mulheres da reclusão doméstica para o engajamento público. Ela afirma que a industrialização e a modernização da sociedade brasileira durante o final do século XIX e início do século XX desempenharam um papel fundamental nessa transformação. Del Priore ressalta que a expansão dos centros urbanos e o advento de novas perspectivas de emprego levaram muitas mulheres a abandonar a existência rural e se aventurar na esfera pública em busca de oportunidades de trabalho e autonomia financeira. A autora destaca os inúmeros desafios e obstáculos que as mulheres encontraram ao lidar com a mudança das tarefas domésticas para as responsabilidades profissionais. Apesar de enfrentarem a escassez de empregos e a relutância social, as mulheres gradualmente aumentaram sua presença na força de trabalho, ganhando gradualmente visibilidade em uma sociedade resistente à mudança.

Pode-se argumentar que, historicamente, as mulheres se dedicaram ao trabalho, embora nem sempre em “profissões” oficialmente reconhecidas (Perrot, 2005), com seu trabalho abrangendo vários contextos temporais e espaciais. Confrontar o domínio patriarcal, lutar pela autonomia ou cumprir obrigações familiares representou desafios formidáveis para as mulheres que enfrentaram burocratização legal e preconceito.

Desta forma, estariam: “ocupando brechas no mundo do trabalho ou tomando para si postos e colocações antes vetados ou inacessíveis” (Matos; Borelli, 2013, p. 127). Essas estudiosas ressaltam o envolvimento proeminente e conspícuo das mulheres na força de trabalho como uma evolução significativa do século passado, decorrente do processo de modernização e das mudanças sociais que caracterizaram o Brasil no início dos anos 1900, estendendo-se à sua integração ao setor industrial.

Em decorrência do envolvimento em uma infinidade de tarefas, essas mulheres assumiram papéis muitas vezes considerados não “propícios” devido à percepção de “fragilidade”. Elas enfrentaram uma série de dificuldades, como salários escassos, ambientes sem higiene, falta de respeito, assédio e longas horas de trabalho, mas não se afastaram por conta das adversidades e, em vez disso, defenderam seus direitos utilizando os meios à sua disposição: unir-se a atos de sabotagem, organizando boicotes e participando de greves.

Durante esse período em particular, é importante destacar que o envolvimento das mulheres no trabalho não se restringiu apenas ao domínio industrial. As mulheres se engajaram em várias tarefas remuneradas nos setores público e privado, bem como em mercados formais e informais. Elas “[...] foram mais facilmente incorporadas ao mercado laboral quando assumiram ocupações para as quais eram consideradas hábeis ou vocacionadas (fiar, tecer, costurar, cuidar, servir)” (Matos; Borelli, 2013, p. 127). Algumas mulheres serviram como “ajudantes” de seus parentes ou empregadores do sexo masculino, muitas vezes recebendo remuneração inadequada ou, às vezes, nenhum pagamento. A transição da posição de ajudante para administrar o próprio negócio e ganhar um salário simbolizou e continua a simbolizar, para muitas mulheres, a libertação dos sentimentos de inferioridade, submissão e invisibilidade, alcançada por meio da progressão de tarefas simples para responsabilidades mais complexas. Ao ocuparem esses cargos, essas mulheres trazem consigo anos de luta em defesa de seus direitos, lançando luz sobre o papel histórico e significativo desempenhado por elas na sociedade. Por meio do seu trabalho e de sua representação social e política, elas contribuem ativamente para a construção de uma nação mais justa e igualitária.

Em cidades interioranas, a exemplo de Caetitê (BA), onde as instalações industriais estavam ausentes, as mulheres se engajaram em vários setores, como comércio, educação, ambientes domésticos, instalações de saúde, instituições públicas, mercados, entre outros, estabelecendo, assim, sua visibilidade na esfera pública e como catalisadoras do progresso socioeconômico da região. Em ambientes rurais, as responsabilidades das mulheres abrangiam tarefas domésticas diárias, atividades de sustento e o cultivo de alimentos para consumo pessoal ou para fins comerciais, por si mesmas ou por outras partes interessadas. Expandindo o escopo do envolvimento das mulheres nas comunidades rurais, funções adicionais, como profissionais de saúde, educadoras, chefes, artesãs, proprietárias de empresas e muito mais, podem ser citadas. Em paisagens urbanas e rurais o empoderamento das mulheres por meio de seu trabalho e sua integração em novos domínios e profissões, incorporando diversas

iniciativas em suas rotinas, torna-se evidente.

As mulheres trazem consigo suas experiências e memórias, o que nos permite compreender sua essência, “ao analisar as memórias dessa atora social queremos pensar também as histórias de tantas mulheres que viveram e construíram uma trajetória de muitas pelejas e conquistas em uma sociedade que não tinha espaço para elas” (Cordeiro, 2013, p. 22). Seu espaço condensa experiências diversas, identidade coletiva e memórias que devem ser compreendidas como um fator social com relação entre o indivíduo e o coletivo; pode-se dizer, ainda, que a memória se processa o tempo todo, culminando com os novos cenários e redefinindo o papel do sujeito, como refletiu Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (2013).

Para Michelle Perrot (1998), as mulheres desempenharam um papel fundamental na história, sendo indispensáveis às narrativas históricas. A autora reconhece o impacto transformador que elas tiveram na formação da história por meio de suas ações e práticas, evidenciando sua participação na construção e transformação dos processos históricos.

Aprofundando-se no discurso, Joan Scott (1992) delibera sobre a gênese da “História das mulheres”, enraizada em movimentos feministas que defendem o reconhecimento das contribuições das mulheres à história. Scott tem como objetivo ressaltar o arbítrio das mulheres e destacar a opressão que elas sofreram, ao mesmo tempo em que defende a igualdade de gênero. Soihet (2006) lança luz sobre a resistência das mulheres antes dos movimentos feministas, ilustrando seu desafio contra a noção predominante de subjugação completa. Ela ressalta as abordagens táticas empregadas pelas mulheres para desafiar as estruturas de poder dominantes. Da mesma forma, Margareth Rago (2004) explora a integração das mulheres na força de trabalho, marcando uma mudança significativa em seus papéis sociais. Rago acentua os esforços dos movimentos feministas e a subsequente redefinição dos papéis das mulheres na sociedade, quando elas começaram a infundir feminilidade na vida social por meio de suas ações e perspectivas diversas.

Entre os anos 1970 e 1990 surgiu um novo desafio em torno da representação de mulheres negras, decorrente da ascensão do feminismo negro. Esse movimento teve como objetivo avaliar criticamente os princípios e práticas do feminismo branco convencional, enfatizando a importância da raça na análise da dinâmica social e na formação de identidades individuais dentro das interseções de gênero, classe e várias categorizações sociais (Collins; Bilge, 2021). A década de 1980 marcou o início da teoria política feminista como uma área distinta do discurso, ou seja, uma: “corrente profundamente plural e diversificada, que investigava a organização social tendo como ponto de partida as desigualdades de gênero” (Miguel; Biroli, 2014, p. 7).

Novas pesquisas apresentadas por Hildete Pereira de Melo e Débora Thomé (2018) trazem à tona preocupações relacionadas à alocação de mão de obra em vários domínios econômicos, levando a uma dicotomia na representação da força de trabalho

feminina em cargos governamentais decorrentes da escolaridade – em que um aumento no nível de escolaridade corresponde a uma escalada na remuneração. Essa bipolaridade acontece devido à existência de

[...] umas com diplomas universitários ocupando cargos executivos, mas ainda muito poucas em proporção ao avanço escolar. No outro lado, milhões de mulheres como comerciárias, domésticas, professoras de ensino infantil, fundamental e médio, assistentes do setor de saúde e nos baixos escalões da administração pública (Melo; Thomé, 2018, p. 113).

Essa bipolaridade pode ser reforçada, segundo as autoras supracitadas, a partir do hiato que separa as mulheres pobres das ricas e as mulheres brancas das negras. Esta análise pode ser feita a partir da interseccionalidade que investiga:

[...] como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente (Collins; Bilge, 2021, p. 15).

Ao discutir o conceito de interseccionalidade “como uma forma de abarcar as vivências e interseções a que está submetida uma pessoa, em especial, a mulher negra” (Akotirene, 2019, p. 11), simultaneamente define-se “um posicionamento do feminismo negro frente às opressões da nossa sociedade cisheteropatriarcal branca e de base europeia, desfazendo a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única” (Akotirene, 2019, p. 11).

Em seu trabalho na coordenação da coleção *Feminismos plurais*, Djamila Ribeiro reavalia o papel do feminismo negro em desafiar as divisões sociais dentro de uma estrutura desigual. Ela defende a exploração de projetos inovadores, novos paradigmas civilizacionais e a ampliação das contribuições intelectuais feitas por mulheres negras: “colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e reexistência” (Ribeiro, 2019, p. 11).

Através das lentes das Ciências Sociais, uma compreensão abrangente das experiências sociais, econômicas, políticas e culturais das mulheres pode ser alcançada. Isso envolve examinar aspectos como progresso socioeconômico, dinâmica trabalhista, conexões sociais, diversas formas de liderança e perspectivas marginalizadas que têm sido tradicionalmente negligenciadas. Essas análises se baseiam em pesquisas que incorporam histórias orais e abordagens interseccionais. Observar mulheres participando ativamente do mercado público em Caetité (BA) ressalta seu papel fundamental na promoção do avanço socioeconômico dentro da comunidade. À

medida que essas mulheres feirantes atuam em espaços públicos fora de suas casas, elas assumem papéis definidos no contexto local, engajando-se em uma luta pela sobrevivência, fazendo valer seus direitos e buscando autonomia.

Examinar o trabalho das mulheres nos setores informais, que muitas vezes são percebidos como opções de empregos precários, expondo-as a várias formas de preconceito, tratamento injusto, disparidade e suscetibilidade, permite simultaneamente dar destaque às profissionais de marketing que passaram dos limites da domesticidade para arenas públicas, como a feira livre em Caetité, na Bahia.

Como feirantes, essas mulheres deixaram registrado, em suas narrativas, o seu trabalho. “Eu sempre trabalhei. [...] Comprava carrada de banana e botava para madurecer. Trabalhava com isso. Armava barraca igual arma aqui. Pegava feira aqui<sup>7</sup> quarta, sexta e sábado” (Carmelita Maria de Jesus Ramos, 2022). Outra feirante narra o tempo que permanecia na feira em relação ao tempo que ficava em casa: “[...] ficava na feira o dia todin e eu ia pra feira 6 horas da manhã [...] e só chegava aqui horas da tarde todo dia. Só vinha aqui de muda, passear e no outro dia cedo tornava voltar pra lá para feira e assim seguiu até hoje” (Ivani Gomes de Carvalho, 2022). Todo esse tempo destinado ao trabalho era compartilhado com outras mulheres neste ambiente da feira.

Sem estrutura física adequada e à mercê das adversidades do tempo, essas primeiras feirantes padeceram em seu ambiente de trabalho, como nos conta dona Carmelita: “Era tudo no pavilhão. [...] era de meia parede. Era açougue de carne, era verdura tudo aí [...] e sem muita higiene” (Carmelita Maria de Jesus Ramos, 2022). A respeito da parte externa, dona Hildete relata que “era a céu aberto a questão de sol muito quente, chuva e calor. Tinha dia que [...] tomava chuva, tomava sol que hoje é meu resultado [...] ostoporoses e artrose” Hildete de Carvalho Souza, 2022). Na luta pela sobrevivência, essas mulheres feirantes permaneceram por mais de 30 anos nesse ambiente de trabalho que foi se modificando ao longo dos anos, com reformas e ampliações.

Essas transições e permanências no seu ambiente de trabalho representam uma busca por oportunidades de emprego e estratégias de sobrevivência para garantir o sustento familiar ou pessoal, independência e ganhos financeiros decorrentes de suas funções de feirante, todas examinadas através de uma lente interseccional – gênero, raça e classe.

Ao integrar seu comércio com o trabalho na feira, essas mulheres capitalizaram seus conhecimentos e habilidades aprimoradas por meio de interações diárias como indivíduos comuns com encontros distintos e autênticos, bem como seus modos de compreensão que, de acordo com Michel de Certeau, “trata-se de um saber não sabido do qual os sujeitos ordinários não são proprietários, não refletem sobre ele e, por vezes, não conseguem defini-lo ou reconhecê-lo como uma forma de saber (Certeau, 2011, p. 134). Essa compreensão e aplicação são adquiridas no mercado aberto por meio do

---

7 Referência à cidade de Caetité (BA).

trabalho informal realizado por profissionais de marketing mediante suas atividades rotineiras, gestos, além de atos de desafio e mudança que remodelam a vida diária em interações com outras pessoas, por meio de narrativas que estabelecem uma rede de manobras em que os personagens delinham protocolos e proposições favoráveis.

Incorporar essas narrativas à pesquisa é um esforço para identificar lacunas, conversar com elas e apreciar o inefável, pois as ausências articulam e condenam as circunstâncias encontradas por elas. Trata-se também de uma evocação da lembrança que carece de um local específico, “[...] até o instante em que se revela, no ‘momento oportuno’, de maneira ainda temporal, embora contrária ao ato de se refugiar na duração. O resplendor dessa memória brilha na ocasião” (Certeau, 2011, p. 146). De acordo com Certeau (2011), a oportunidade é aproveitada em vez de fabricada; ela emerge da situação atual, com base em lembranças desencadeadas por fatores externos, sem uma estrutura predeterminada na qual o conhecimento se encaixa perfeitamente. Ao examinar as rotinas diárias das mulheres feirantes, é possível identificar e interconectar facetas das estruturas econômicas e sociais locais e regionais, influenciadas por gênero, trabalho e autoridade feminina em suas interações diárias no mercado.

Em consonância com Henri Lefebvre (1991), o exame da vida cotidiana a revela como uma esfera de reprodução social, onde os indivíduos habitam e encontram sua realidade diária, ao mesmo tempo que serve como um reino potencial para a mudança social. Esse conceito de vida diária, conforme postulado pelo autor, engloba os encontros e atividades subjetivas dos indivíduos em suas rotinas diárias, emoções pessoais e comportamentos habituais, juntamente com suas lembranças do mundo circundante e a maneira pela qual eles interpretam e atribuem significado ao mundo e sua presença em suas vidas diárias. Em suas pesquisas acadêmicas, Henri Lefebvre ressalta a necessidade de compreender e mergulhar no reino da vida cotidiana para alcançar uma compreensão abrangente da experiência humana na sociedade contemporânea, pois “a vida cotidiana oculta o misterioso e o admirável que escapam aos sistemas elaborados” (Lefebvre, 1991, p. 23). Nesse caminho, diz Lefebvre, “[...] O cotidiano se revela sempre feito de dobras, de circunvoluções” (1991, p. 132). É “o vaivém do passado ao presente e do presente ao passado, do estranho ao familiar (cotidiano) e do familiar ao estranho [...]” (1991, p. 151).

Contemplar o trabalho realizado por essas mulheres na feira exige considerar as conexões sociais forjadas por meio de seus empreendimentos profissionais entre parentes, clientes, vendedores, anunciantes e a dinâmica de poder que as trabalhadoras exercem sobre outros indivíduos dentro do ambiente da feira – “o lugar da vida e do trabalho [...]. Espaço que reúne pessoas e tipos de atividade e onde viver o fazer faz o saber” (Brandão, 2013, p. 33). Esses lugares e sistemas de vida e trabalho “[...] não são espaços vazios. São espaços socialmente estruturados e politicamente legitimados segundo os princípios de relações internas de saber e poder” (Brandão, 1986, p. 176), onde os sujeitos “transitam uns na direção dos outros, trocam conhecimentos, trocam

formas de saber e trocam valores” (Brandão, 1986, p. 167). Todas essas discussões englobam questões de gênero e trabalho e estão presentes na feira de Caetité.

## Caminhos metodológicos

A pesquisa qualitativa faz parte do caminho metodológico que conduz este estudo, pois sua abordagem é capaz de abarcar com mais propriedade determinadas realidades e opiniões individuais sobre fatos sociais, sendo a participação e a atuação humanas fundamentais para a assimilação contextualizada e aproximada do problema em questão (Holanda, 2006). Minayo (2001), por sua vez, observa que a pesquisa de viés qualitativo se propõe a responder questões muito específicas. No âmbito das Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa se ocupa de um recorte de determinada realidade que não é passível de quantificação. Isto é, a pesquisa qualitativa analisa o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de trocas simbólicas que se dá entre os sujeitos é compreendido pela autora (Minayo, 2001) como pertencente à realidade social, porque os indivíduos se distinguem entre si, tanto pela ação quanto pela consciência de suas ações em grupo, diante da realidade na qual se inserem e que é partilhada com os seus. Dessa forma, a diferença entre a abordagem da realidade social de viés quantitativo e a abordagem da realidade social de viés qualitativo está na natureza da pesquisa, portanto, não há que se falar em uma questão de maior ou menor mérito entre as tipologias, já que a pesquisa qualitativa é o fio condutor àquilo a que o estudo se destina.

Esta pesquisa envolve questionamentos às mulheres pesquisadas sobre suas experiências em torno de fatos que aconteceram em suas vidas, o que permite ao pesquisador, de forma ética e responsável, obter informações, interpretá-las e construir um enunciado a partir das fontes sobre o outro, o seu mundo e a dinâmica das relações sociais. Esses posicionamentos por parte do pesquisador permitem revelar as nuances da realidade, perceber as singularidades, sobretudo nas relações pessoais e coletivas, buscando um entendimento do objeto a ser estudado.

Apostando nesta perspectiva de estudo, a pesquisa foi pensada a partir do método da História Oral, isto é, um método interdisciplinar de se fazer pesquisa, dotada de normas e práticas éticas, nas mais diversas áreas do conhecimento. Ela promove o intercâmbio entre várias áreas com base nas fontes orais, embaladas pelas memórias de seus interlocutores. Como salientam Meihy e Holanda (2015, p. 17), a História Oral “é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” e tem como objetivo:

[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio de estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar

compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (Alberti, 2013, p. 26).

Portanto, não se trata de uma reconstituição do passado, mas da aplicação de um método que permite que o passado seja contado através do olhar do presente, das ressignificações pessoais, da memória e daquilo que se guardou de determinados eventos. Ainda podemos afirmar que a História Oral constitui-se como “um campo aberto à produção de conhecimentos sobre diferenças” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 28). Nessa direção, é sobre essas diferenças instituídas na feira livre que analisaremos o cotidiano e o trabalho, contado a partir de diferentes sujeitas<sup>8</sup> e de diferentes histórias, visto que: “Esses ‘eus’ podem se inscrever socialmente por meio de suas histórias até então pouco expostas e, dessa forma, evidenciar personalidade política, atuação social, cultural e econômica” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 28). Logo, neste estudo, a História Oral de vida norteará a pesquisa, que, conforme José Carlos Sebe Meihy (1996, p. 147), “trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”; ela possibilita a percepção de aspectos mais subjetivos das experiências das colaboradoras, por isso representa o retrato oficial das depoentes. Nesse sentido, ainda conforme Meihy (1996, p. 148), “a ‘verdade’ está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas”.

Essas histórias são contadas por meio das narrativas orais das feirantes, com as entrevistas dessas mulheres, que potencializarão as experiências de trabalho de grupos que compõem a sociedade. O estudo norteia-se por entrevistas semiestruturadas com pessoas que se aproximam do objeto de estudo. Minayo (2001, p. 114) argumenta que “a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador”. Essas entrevistas aconteceram durante o trabalho de campo, marcando a fase inicial da pesquisa, outras acontecerão no decorrer do estudo, quando a entrevistadora deverá agir de forma cautelosa e respeitosa com as colaboradoras, as quais poderão possibilitar ou negar o seu tempo para a entrevista. À entrevistadora caberá interpretar as narrativas orais, as memórias; mesmo com as ressignificações, é possível fazer os recortes, tirar e retirar das entrelinhas dessas expressões fragmentos do passado, costurando e dando sentido a outras histórias que precisam ser contadas. Por isso, faz-se necessário conhecer, convencer, sem coagir, e ainda informá-las sobre os objetivos da pesquisa e o retorno que o estudo trará para os conhecimentos produzidos em torno do trabalho e do gênero.

---

8 O termo sujeita é empregado na perspectiva das mulheres feirantes como agentes ativas em suas próprias histórias, experiências e vivências.

## Resultados e discussões

Vale ressaltar que o trabalho realizado por mulheres na feira livre de Caetité (BA) foi caracterizado por conexões interpessoais dentro de seu círculo familiar. Por meio de entrevistas, as feirantes casadas relataram ter recebido ajuda de seus cônjuges no transporte da mercadoria destinada à venda no mercado e, posteriormente, em vários outros pontos de venda na área urbana: “eu fazia bolo durante o dia e ele vendia a noite” (Hildete de Carvalho Souza, 2022). A colaboradora deixa escapar uma cumplicidade que a vida conjugal lhe proporcionava quando questionada se o marido a ajudava. A resposta veio de prontidão: “A vida toda” (Hildete de Carvalho Souza, 2022). No momento foi possível perceber os olhos marejados de lágrimas em direção ao marido que se encontrava cadeirante e debilitado por conta do Alzheimer: “Tava jogando dinheiro no mato coitadin. O povo fazia com ele o que queria. Aí agora eu parei e vim pra casa de novo fazer minhas marmitas em casa” (Hildete de Carvalho Souza, 2022). Após se reestabelecer das emoções, a colaboradora narrou toda a sua trajetória como esposa e mãe.

Outra feirante, Ivani Gomes de Carvalho, narra, em sua entrevista, o gerenciamento das redes de sociabilidades e o apoio familiar que obteve depois do falecimento do marido. Durante esse período, seu pai, sua mãe e seus irmãos ofereceram apoio e motivação enquanto residiam em um ambiente rural: “Pai mais mãe me ajudava muito, a mão direita era pai e mãe, Jeová, meu irmão, e Jailson”, outro irmão. Ela cuidava da casa, dos filhos e trabalhava no engenho: “Eu tinha um engenho, lá na minha casa tinha tudo. Tinha engenho, tinha tacho, tinha tudo lá na minha casa que meu marido deixou, num sabe? [...] Trabaiei [...] Era eu que batia o tacho [...] até dá no ponto da rapadura”<sup>9</sup> (Ivani Gomes de Carvalho, 2022). Viúva aos 22 anos e mãe de quatro filhos, contou com a ajuda dos familiares – pai, mãe e dois irmãos – para se reestruturar. Anos depois, deslocou-se para Caetité e passou a trabalhar na feira.

Trabalhar na feira foi para muitas mulheres a única opção que tiveram diante das possibilidades que elas acreditavam ser aptas para o trabalho e poder gerenciar o seu próprio tempo:

Porque a gente não tinha outro trabalho [...]. Pai foi vendeu lá minha casa, lá na roça [...]. Pai foi e comprou [pausa] a gente não compra coisa de prefeitura, né? Coisa de prefeitura ninguém compra. Comprou o direito, de uma mulher que até é a mãe de Creusa [...] a velhinha tinha uma barraca na feira e tava vendendo, pai chegou comprou o direito dela. Eu lembro como hoje pai comprou o direito dela por vinte conto eu fiquei tomando conta da barraca, não sabe? Tomei conta da barraca (Ivani Gomes de Carvalho, 2022).

---

9 Mulher branca, mãe, viúva e com 81 anos. Não trabalha mais na feira. Sua saída foi devido à pandemia.

Ter o pai como feirante e experiente nos negócios foi a porta de entrada para três irmãs no universo da feira em Caetité: “Meu pai trabalhou na Feira Velha [...]” (Ivani Gomes de Carvalho, 2022). Outro fator de sua inserção na feira eram os dotes culinários que possuíam como boleiras e cozinheiras: “Eu comecei vender comida e bolo” (Hildete de Carvalho Souza, 2022). Dispor dessas habilidades era a garantia de uma renda extra ou o próprio sustento da família.

Outro fator narrado pelas feirantes era a presença dos filhos no ambiente de trabalho, na feira livre: “levava essas crianças para lá e por lá eu fazia comida e vendia. Só depois que acabava a feira que eu vinha embora pra casa [...]” (Hildete de Carvalho Souza, 2022). Ao falar da presença dos filhos na feira, a colaboradora refere-se a eles como se ainda fossem crianças. Todos os seus filhos são maiores de idade, casados, com filhos e alguns já têm netos, mas a sua memória afetiva permanece congelada no tempo ou segue o ditado popular de que para as mães os filhos nunca crescem. Outra feirante narra a presença dos filhos na feira: “Quando eles chegavam da escola [...] sempre ia pra lá” (Ivani Gomes de Carvalho, 2022). Neste sentido, a feira se tornava um ponto de apoio e de encontro dos filhos.

Quando a família era composta por vários membros, as responsabilidades eram distribuídas entre as crianças. Essas tarefas variavam desde concluir tarefas domésticas até cuidar de irmãos, entregar e vender bolos e salgados em estabelecimentos locais e auxiliar no mercado como ajudante da mãe. Logo, é evidente que a família participou ativamente das tarefas rotineiras – abrangendo mulheres, homens e crianças –, marcando presença no mercado público e reforçando as conexões interpessoais estabelecidas entre eles.

Outros sujeitos agregados à família também estavam presentes nessas redes de sociabilidades – “uns meninos”, “uns rapazinhos” e meninas compondo o ambiente de trabalho na feira. “Eu sempre trabalhei com Deus, Nosso Senhor, depois começou meus fi aí arrumava uns meninos, uns rapazinho pra trabaiair mais eu fora que eu trabaia em Tanque Novo, Botuporá, Brejim, Igaporá, Riacho de Santana e [...] Guanambi” (Carmelita Maria de Jesus Ramos, 2022). Outra colaboradora registra a presença de outras pessoas fora dos laços familiares que ajudavam com o trabalho na feira: “Tem uma menina que trabaiou mais eu muitos tempos” (Ivani Gomes de Carvalho, 2022). Vale ressaltar que esses meninos, rapazinhos e as meninas eram todos menores de idade e realizavam tarefas diárias que se configuravam como trabalho infantil, assunto que poderá ser discutido em outro momento.

Contemplar as rotinas diárias e as atividades profissionais dessas mulheres no mercado público de Caetité implica também considerar o mercado como um espaço para conduzir o comércio, fomentar o crescimento local e, principalmente, como um centro de transformação social. É nesse contexto que as mulheres transitam do confinamento doméstico para um ambiente comunitário, assumindo papéis específicos na busca diária pela sobrevivência, para garantir sua presença na sociedade e se

estabelecer como participantes ativas, superando o preconceito e a marginalização historicamente impostos a elas.

À luz dessa análise, o objetivo é ilustrar o engajamento das mulheres em domínios públicos e as diversas funções que elas desempenham como indivíduos e como contribuintes do comércio. Além disso, o mercado serve como umnexo para conexões interpessoais entre diferentes partes interessadas, sendo identificado como um “um centro natural da vida social”, como afirma Braudel (1998, p. 6), e uma plataforma na qual as mulheres acessam oportunidades dentro da força de trabalho.

## Considerações finais

Este estudo está atualmente na fase preliminar da investigação. À medida que a pesquisa avança, novas evidências e novas perspectivas orientarão a pesquisa. As fontes e a metodologia proposta, no entanto, já sugerem o potencial de examinar as rotinas diárias e as atividades profissionais das mulheres no mercado público de Caetité (BA). Esse exame baseia-se nos relatos orais fornecidos por essas mulheres, lançando luz sobre as lembranças pessoais e comunitárias de indivíduos que, por meio de seu trabalho, se esforçaram para superar os desafios da vida e estabelecer uma presença em um ambiente diversificado e inclusivo, abrangendo várias dimensões: cultural, social, econômica e política.

Analisar a presença feminina nas atividades econômicas em Caetité revela indivíduos anônimos que estabeleceram uma proeminência ainda não reconhecida em suas vidas diárias, muitas vezes em busca de sua própria sobrevivência e de suas famílias. Ao longo dos anos, inúmeras lutas e conquistas ocorreram na concretização dos direitos das mulheres, juntamente com várias formas de resistência contra a dominação masculina. No entanto, ainda existem caminhos a serem percorridos e espaços a serem compartilhados e reivindicados em uma sociedade caracterizada por traços patriarcais que atuam como impedimentos para muitas mulheres. Libertar-se dessas restrições e reconhecer seu papel nesse processo histórico, social, cultural e econômico é sinônimo de se tornar a personagem principal da própria narrativa. Por meio de seus esforços, essas feirantes se apropriaram da feira como um local de oposição política, igualdade e feminismo.

A integração das mulheres na força de trabalho facilitou e continua facilitando o desenvolvimento da autonomia, o progresso econômico na área, a busca pelo emprego e a libertação, ao mesmo tempo em que reconhece os obstáculos adicionais impostos pelas disparidades de gênero na educação dos filhos, no combate aos casos de preconceito, discriminação e supremacia masculina que permeiam a posição social dessas mulheres. Além disso, dependendo de como esses indivíduos lidam com esses

obstáculos, eles não apenas transformam a realidade, mas também a si mesmos, (re) moldando-se como indivíduos capazes de contemplar, inovar, tomar decisões, organizar e agir, posicionando-se, assim, como criadores de cultura.

## Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Saber e ensinar: três estudos de educação popular*. Campinas: Papirus, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2013 (Coleção Primeiros Passos, 20).
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. v. 2 - Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CORDEIRO, Filomena Luciene. *Universo feminino*: Academia Feminina de Letras de Montes Claros. Montes Claros: Editora Unimontes, 2013.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.
- MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzano L. Salgado. *Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. *Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo da história regional e local)*. Salvador: EDUFBA; UEFS, 1998.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (Org.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31-42.

RIBEIRO, Djamilá. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Cidade e memória: dimensões da vida urbana – Caetité 1940-1960*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – UNRIO, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 63-96.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

## Fontes orais

CARVALHO, Ivani Gomes de [81 anos]. [maio 2022]. Entrevistadora: Jumara Carla Azevedo Ramos Carvalho. Caetité, BA, 6 maio 2022.

RAMOS, Carmelita Maria de Jesus [86 anos]. [maio 2022]. Entrevistadora: Jumara Carla Azevedo Ramos Carvalho. Caetité, BA, 2 maio 2022.

SOUZA, Hildete de Carvalho [82 anos]. [maio 2022]. Entrevistadora: Jumara Carla Azevedo Ramos Carvalho. Caetité, BA, 4 maio 2022.

Recebido em 26/09/2024

Versão final reapresentada em 21/02/2025

Aprovado em 23/04/2025

**Contribuições dos autores:** Carvalho: concepção do trabalho, gravação de depoimentos, pesquisa bibliográfica, análise e redação; Oliveira: análise de dados, redação e revisão crítica substancial do texto.

**Fonte de financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) – Auxílio à pesquisa.

**Conflito de interesses:** nada a declarar.